

FICHA TÉCNICA

Título original: *Minha Vida Fora de Série – 1.ª Temporada*

Autora: *Paula Pimenta*

Copyright © Paula Pimenta 2011

Edição original publicada no Brasil por Editora Gutenberg

Versão portuguesa © Editorial Presença, Lisboa, 2015

Imagem da capa: *Shutterstock*

Adaptação do texto à versão portuguesa: *Teresa Rebelo da Silva*

Fotografia da capa: Pil Gloor (Estúdio Píxel)

Modelo: Mariana Ávila

Projeto Gráfico da capa: Diogo Droschi

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.ª edição, Lisboa, novembro, 2015

Depósito legal n.º 400 018/15

Reservados todos os direitos
para Portugal à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

www.paulapimenta.com

[Twitter.com/paulapimenta](https://twitter.com/paulapimenta)

Edição para venda apenas em Portugal

..... Prólogo

Kevin: Se o sonho e a realidade às vezes se misturam, é assim mesmo que deve ser.

(The Wonder Years)

Conheço uma rapariga que é *louca* por cinema. Confesso que não percebo muito bem esta sua paixão. Os filmes são divertidos, mas ao mesmo tempo não são muito emocionantes... Passa-se tudo muito depressa, em apenas duas horas, e no melhor da história, quando finalmente vamos poder saber o que aconteceu depois de os problemas se resolverem, aparece um «*The End*» no ecrã! Ah, não... eu prefiro coisas mais duradouras! Faço questão de me tornar amiga íntima das minhas personagens preferidas. Combino encontrar-me com elas todas as semanas, à hora marcada, sem atrasos.

Do que eu gosto mesmo é de *séries*.

Sally: A parte mais difícil de seguir em frente é não olhar pra trás.

(Felicity)

— Não te esqueças de fazer um pedido antes de apagares as velas, Priscila!

A minha mãe só podia estar louca se achava que havia alguma possibilidade de eu me ter esquecido da melhor parte. Fechei os olhos para me concentrar melhor e declarei: — Quero voltar para São Paulo!

Antes de soprar, a voz da minha prima, que estava mesmo ao meu lado, perturbou-me os pensamentos.

— Ai, que burra! Não podes pedir o desejo em voz alta, senão não se realiza!

Quando eu ia responder que o pedido, o bolo e o dia de anos eram meus e que eu fazia deles o que bem entendesse, a minha tia antecipou-se.

— Marina! Será que nem no momento dos parabéns consegues parar de implicar? — disse ela, dando um leve beliscão na minha prima, coisa que eu mesma gostaria de ter feito, embora com mais força. Eu adorava a Marina, mas por vezes ela perdia a oportunidade de ficar calada.

— A Marina tem razão — interrompeu a minha mãe. — O pedido da Priscila não se vai realizar. Mas não por ela o ter dito em voz alta. — E, virando-se para mim com uma expressão um pouco triste e cansada, acrescentou: — Querida, já discutimos isto umas cinquenta vezes. A nossa vida agora é aqui...

Subitamente, perdi o interesse pelo enorme bolo brigadeiro que estava à minha frente. Sem sequer apagar as velas, fui-me embora para o quarto, a bater com os pés. Antes de fechar a porta com toda a força, gritei que, se eu não podia voltar para São

Paulo, então não queria nada, porque não havia nada em Belo Horizonte que tivesse o poder de me fazer feliz!

Ainda ouvi a minha mãe dizer que lá por ser o meu dia de anos, isso não impedia de ficar de castigo, mas nem liguei. Eu até já me sentia de castigo, totalmente presa naquela horrível cidade.

Deitei-me na cama e comecei a lembrar-me de como o meu aniversário do ano anterior tinha sido diferente. Convidara todas as minhas amigas para a piscina da minha casa, o meu pai tinha feito um churrasco e o dia não poderia ter corrido melhor. Como eu gostava de voltar atrás no tempo...

Ouvi baterem à porta, mas limitei-me a mandar embora essa pessoa. Porém, dois segundos depois, também ouvi um ganido. Levantei-me depressa e abri a porta. O *Biscoito* entrou a abanar o rabo, todo contente, mas, infelizmente, atrás dele também surgiu a minha metediça prima. Ela entrou, fechou a porta atrás de si e sentou-se na minha cama, sem sequer me pedir autorização. Peguei numa revista e comecei a folheá-la, para lhe dar a entender que eu não queria conversar.

— Pri... — começou a dizer baixinho. — A tua mãe ficou triste... está lá em baixo quase a chorar.

Fingi que não ouvi e continuei a passar as páginas.

— Agora que já tens treze anos, não podes continuar a agir como uma avestruz e enterrar a cabeça na areia a cada contrariedade!

Isto fez com que eu fechasse a revista com toda a força. Ela tinha conseguido deixar-me ainda mais irritada.

— E tu és muito adulta para me dares conselhos, não és? — respondi, levantando-me. — Quantos anos é que tens mesmo? Treze anos e *nove* meses, se bem me lembro?

Ela pareceu um pouco perturbada com as minhas palavras, mas não se intimidou.

— Priscila, na verdade não é a idade que interessa, mas sim o facto de que devias apoiar a tua mãe! Achas que também não está a ser difícil para ela? Ela acabou de se separar do teu pai! Deve estar a sofrer muito com isso! O que ela menos precisa é de uma filha mimada a tornar tudo ainda mais complicado!

Agora ela tocou mesmo no meu ponto fraco. Eu sabia que a minha mãe estava a sofrer. Ela esforçava-se por disfarçar, mas eu ouvia-a por vezes a chorar, trancada no quarto, e reparava que ela acordava todas as manhãs com os olhos inchados. Sei que ela devia passar grande parte da noite a chorar. Tudo o que eu mais queria era poder aliviar o seu sofrimento, mas eu também me sentia tão infeliz que era incapaz de me controlar. E eu sabia que isso a deixava ainda mais triste.

— Mas porque é que ela tinha de decidir mudar? — Sentei-me. — Porque é que ela tinha de mudar toda a nossa vida? E porque não me deixou lá ficar, com o meu pai e o meu irmão?

As lágrimas inundaram-me os olhos, impedindo-me de continuar a falar. OK, aquilo era constrangedor. Eu odiava chorar. Especialmente à frente de outras pessoas. HorrORIZAVA-me a ideia de me poderem achar frágil e de terem pena de mim. E parecia ser exatamente isso o que a minha prima estava a sentir naquele momento.

Ela abraçou-me e fez-me festas na cabeça. No mesmo instante, o *Biscoito* saltou para o meu colo e começou a lamber-me, parecendo muito preocupado com o meu choro. Afastei-me da Marina, mas deixei que o meu cão me consolasse. Só ele percebia o que eu estava a sentir. Assim como eu, também ele fora obrigado a mudar-se de cidade e a deixar tudo para trás.

No processo de separação dos meus pais, eles dividiram tudo... até os filhos e os animais de estimação. Eu, o *Biscoito*, a *Snow* e o *Biju* viemos com a minha mãe para Belo Horizonte. O meu irmão, a *Duna*, o *Chico* e o *Pavarotti* ficaram com o meu pai, em São Paulo. Este acordo maluco, a decisão de dividir tudo, podia funcionar muito bem para eles, que quiseram ser justos um com o outro, mas para mim foi muito pior!

Abracei o *Biscoito* e comeci a chorar ainda mais. No meio das lágrimas, disse: — Agora, para além de não poder estar todos os dias com o meu pai, também perdi o meu irmão, a minha cadela, o meu furão e o meu papagaio! Porque é que eles me fizeram isto?

— Sabes bem a razão — respondeu a Marina. — Neste momento, a tua mãe precisa do apoio da família... vocês só viviam em

São Paulo por causa do trabalho do teu pai! Sei muito bem que, se dependesse da tua mãe, ela nunca teria ido viver para lá, já que toda a nossa família é daqui. E quanto aos teus bichinhos, em São Paulo vocês viviam numa casa enorme, num condomínio. Mas agora seria uma maldade obrigar a tua *golden retriever* a viver neste apartamento, num espaço muito mais reduzido do que aquele a que ela está habituada. E pelo que me lembro, o teu papagaio grita imenso e ia acabar por incomodar os vizinhos. E sobre o furão... bom, acho que foi o Arthur que exigiu ficar com ele, não foi? Afinal ele também é o seu dono... E aliás, pelo que sei, o teu irmão só ficou em São Paulo por causa da faculdade. A minha mãe disse-me que ele também se sente muito infeliz por ter de viver longe de vocês!

Concordei com a cabeça, sentindo os olhos ainda mais alagados, ao lembrar-me dos meus bichinhos. A *Duna*, em especial, devia sentir muito a minha falta. Eu passeava todos os dias com ela e com o *Biscoito*. Se o meu irmão não levantasse o rabo da frente do computador para a levar à rua, ia ver-se comigo!

— Além disso — ela aflagou a cabeça do *Biscoito* —, tu trouxeste esta coisa fofa para cá, para te fazer companhia... e a gatinha e o rato também. Ainda não consegui perceber como é que consegues que entre si se deem tão bem. Sempre pensei que cães, gatos e ratos não fossem especialmente amigos...

Fiquei calada e de braços cruzados, enquanto a minha prima brincava com o meu *cocker spaniel*. Os meus animais eram muito civilizados e nunca houve nenhum problema de incompatibilidade entre eles. Mas eu não estava com a menor vontade de lhe explicar isso. Nem de afirmar pela milésima vez que o *Biju* não era um rato mas sim um hamster! Naquele momento, a minha mãe abriu a porta.

— Marina, a tua mãe vai-se embora e pediu-me para te chamar. — Olhou para mim com uma expressão séria e acrescentou: — Priscila, vai despedir-te da família. É uma grande falta de educação abandonares os convidados a meio da festa e vires fechar-te no quarto! Estava a falar a sério quando me referi ao castigo!

Ela saiu e deixou a porta entreaberta. O *Biscoito* seguiu-a, deixando-me sozinha com a minha prima. A Marina suspirou,

observando-me, e em seguida olhou para uma das bordas da minha cama, onde estavam alguns presentes que eu tinha recebido.

— Ainda nem abriste o que eu te ofereci. — Agarrou num dos embrulhos. — Acho que vais gostar...

Eu sabia que nada do que ela me desse ia conseguir alegrar-me, mas abri, só para ver se ela se ia embora e me deixava em paz. Desembrulhei-o e encontrei uma caixa com a fotografia de uma mulher e de uma rapariga. Abri-a e vi que continha quatro DVD. No topo estava escrito: — *Gilmore Girls* — *Tal Mãe, Tal Filha*.

— O que é isto? — perguntei, tirando um dos DVD da caixa.

Ela fitou-me, admirada: — Nunca ouviste falar nesta série?

Encolhi os ombros e respondi que não, enquanto lia o que estava escrito na parte de trás. Antes de conseguir acabar, ela tirou-mo da mão e introduziu-o no leitor de DVD.

— Tens de ver *agora*! — Ela ligou a televisão. — É uma série ótima, sobre uma mãe e uma filha que são muito amigas... Ah, tens de ver! Achei que era um presente ótimo, já que vais viver sozinha com a tua mãe...

Nem tive oportunidade de protestar. Ela já tinha posto o DVD a rodar e aos poucos fui entrando naquele mundo que eu ainda não conhecia. Ao fim de uns quinze minutos, estávamos tão embrenhadas no episódio que apanhámos um enorme susto quando a minha tia apareceu.

— Ah, que engraçadinhas! Então vocês deixam toda a gente à espera e ficam aí a ver televisão!

A Marina pôs logo o DVD em pausa. — Desculpe, mãe! A Priscila não conhecia *Tal Mãe, Tal Filha* e eu só lhe estava a mostrar! Já estamos a ir...

A minha tia fitou-nos com um olhar sério e deu meia-volta, abanando a cabeça.

— Ah, gostaste! — disse a Marina assim que a mãe dela saiu de vista. — Reparei na tua expressão a olhares para o ecrã! Gostaste e *muito*! Ai, nem acredito! As minhas férias já estavam boas por te teres mudado para cá, então agora... Não vou sossegar

enquanto não acabarmos de ver toda esta temporada! Vamos fazer uma maratona de episódios? Mas só vamos poder começar no domingo — disse, levantando-se —, porque amanhã há uma festa a que tens de ir comigo! Eu já falei em ti a todas as minhas amigas e querem todas conhecer-te! E, para chegarmos e *arrasarmos*, temos de ir ao clube de manhã, trabalhar para o bronze! Já te arranjei um convite e não aceito um «Não» como resposta!

Ela estava tão entusiasmada que eu nem consegui dizer que não tinha a menor intenção de ir onde quer que fosse. Tudo o que me apetecia era ficar ali deitada na minha cama, a contorcer-me em autopiedade. Mas a Marina puxou-me antes de eu abrir a boca.

— Agora vamos para sala, anda! Eu queria dormir cá em casa, mas a minha mãe disse que vocês ainda estão um pouco abaladas com a mudança e que eu tenho de te dar um tempo, mas eu respondi que vocês já chegaram há *dois* dias e que eu até podia ajudar a arrumar todas estas caixas fechadas que estão no teu quarto, afinal isto está uma enorme bagunça...

Ela não parou de falar até se ir embora. Não sei como é que a minha prima conseguia falar tanto! E a minha mãe, quando ela estava a sair, ainda disse que nós somos parecidas, porque *eu* sou muito tagarela. Ufa. Ela devia saber que eu só falo sobre assuntos importantes. E certamente nada em Belo Horizonte tinha importância suficiente para merecer as minhas palavras.

Eu não sabia como estava enganada. E ia começar a perceber isso logo no dia seguinte...



Belo Horizonte, sábado, 4 de janeiro, três da madrugada.

Querida Lailá,

Estou a ir para a cama e de repente senti umas saudades imensas das nossas conversas à porta de casa, já ao fim da noite. Ainda não conheci os meus vizinhos, não sei se há alguma rapariga da minha idade, mas sei que nenhuma será tão fixe como tu!

Adorei o teu telefonema, obrigada pelos parabéns! Como te disse, li a tua carta no avião e adorei! Tu vais ser a minha melhor amiga para sempre, prometo! E juro que vou cumprir a promessa de mandar pelo menos uma carta por semana, para que a possas guardar na tua agenda e não fiques com saudades da minha letra!

Quero muito que, logo que possível, venhas conhecer o meu novo apartamento! Quando cá cheguei, já estava tudo montado, a sala, os quartos... A decoradora que a minha mãe contratou foi rápida! Está tudo muito bonito e organizado (menos as caixas da mudança). Mas eu sinto falta da bagunça da minha antiga casa, das roupas do meu irmão espalhadas por todos os cantos, do Pavarotti a gritar o tempo todo... Por falar nisso, quando passares pela minha casa, não deixes de verificar se ele está bem, OK? Repete bastantes vezes o meu nome para ele não se esquecer de mim nem de como se pronuncia «Priscila»! Os papagaios esquecem depressa, se deixarmos de repetir as palavras!

Onde estou a viver há imensos prédios altos, mas não há muito trânsito. É um bairro residencial, mas nada afastado da cidade, como o nosso condomínio. Eu tenho levado o Biscotto a passear à frente da minha casa, a uma praça bonita e grande que se chama JK. Acho que ele já se adaptou. Pelo menos bem mais do que eu...

Larissa, segues alguma série da televisão? Eu nunca me tinha interessado por isso, mas recebi de presente de anos a primeira temporada de uma que se chama Gilmore Girls. Procura na Internet. É totalmente viciante, estou a adorar! E nela há um rapaz amoroso que gosta da rapariga principal. Ele assemelha-se um pouco ao Thiago. Por falar nisso, tem-lo visto por aí? Diz-lhe que lhe mando um beijinho! Não, é melhor não lhe dizeres nada, para ele não achar que eu estou para aqui só a pensar nele! E é que nem estou! Ah, olha: manda-lhe o beijo, sim! ☺

Bom, agora tenho de ir dormir!

Um grande beijo para ti!!

Prí

2

*Angela: É incrível quando consegues
sentir que a tua vida está a seguir um rumo.
Como se ela acabasse de descobrir como ser boa.*

(My so Called Life - Que Vida Esta!)

Quando acordei, ou melhor, quando a minha gata me acordou, pisando levemente a minha barriga, a primeira coisa que pensei foi que aquela cama era demasiado grande. Era a segunda noite em que dormia nela, mas ainda não me habituara. Numa tentativa de fazer com que eu gostasse do meu novo lar, a minha mãe pediu à decoradora para arranjar o meu quarto como se fosse para uma princesa, até mesmo com uma enorme cama de casal, com dossel e tudo. Eu teria gostado. Eu sempre quis ter uma cama daquelas, mas agora deixava-me triste. Eu sabia que a cama não passava de uma forma de compensação. Se eu já não podia ter a minha enorme casa, pelo menos ia ter uma cama assim. Boa tentativa, mãe, mas não gostei da troca.

A Snow, ao perceber que já me tinha conseguido acordar, parou de me amassar e começou a ronronar e eu lembrei-me de que ela devia estar com fome. Eu também estava.

Apesar da preguiça, obriguei-me a levantar-me da cama e de repente percebi o motivo do meu enorme cansaço. Eu tinha ficado até de madrugada a assistir à série que a Marina me oferecera. Vi uns seis episódios e só desliguei porque ouvi um barulho vindo do quarto da minha mãe. Fiquei com medo de que ela me pusesse mesmo de castigo se me encontrasse acordada às três da manhã!

Ao sair do quarto, percebi que ela já estava de pé, provavelmente há horas, a arrumar caixas e mais caixas. Eu tinha a certeza de que as nossas coisas nunca caberiam naquele apartamento (que até era grande, tinha três quartos, mas só quem já viveu numa

casa percebe a sensação de prisão que se sente quando nos mudamos para um apartamento), porém a minha mãe continuava a desencaixotar e a guardar tudo nos armários.

Ao ver-me, avisou-me que a Marina já tinha telefonado e dissera que a minha tia nos ia levar ao clube às onze horas. Eu respondi que queria ficar em casa, a ajudar a arrumar as coisas, mas ela recusou a minha oferta, alegando que preferia que eu saísse e arranjasse amigos. As ideias da minha mãe... Como se «amigos» fosse uma coisa que se comprasse numa esquina qualquer! Porém, resolvi ir, para ela não ficar o dia inteiro a olhar para mim com aquela expressão de culpa.

Vi que faltavam quinze minutos para as dez, por isso tinha de me apressar para ter tempo de passear o *Biscoito*, limpar a caixa de areia da *Snow*, soltar o *Biju* da gaiola, para ele correr um pouco, e dar comida a todos.

A minha prima tocou à campainha no momento exato em que eu tinha acabado de me arrumar. Ela já me tinha ligado três vezes para saber se eu estava pronta e a dar instruções para eu levar:

- *Um biquíni pequeno, mas não demasiado pequeno.*
- *Uma toalha que não tivesse estampadas imagens de princesas da Disney.*
- *Óculos escuros.*
- *Dinheiro. Vamos lá almoçar.*

Eu realmente não estava com a menor vontade, apesar de estar um lindo dia de sol. Tudo o que eu mais queria era ficar na minha cama, com as janelas fechadas, a acabar de ver os outros episódios da série que a Marina me dera. Mas eu sabia que se eu dissesse isso ela provavelmente ia chamar os bombeiros para me tirarem do apartamento, ou atirava os DVD pela janela, por isso decidi ir depressa e deixar a série para mais tarde.

Ao chegar ao tal clube, que descobri que ficava praticamente no mesmo bairro do meu prédio, surpreendi-me. Era enorme! Da portaria, que ficava no segundo andar, dava para ver que tinha

umas três piscinas olímpicas, além de algumas redondas e várias infantis, campos de ténis, de básquete, de futebol, de voleibol, bares e — especialmente — muito espaço para nos bronzearmos. Então era isso. Já que deixara de viver num estado com praia, era ali que eu ia passar os meus fins de semana de sol.

Fiquei tão entretida a olhar para todos os lados que nem me dei conta de que a Marina tinha continuado a andar. Só quando gritou é que eu vi que ela já tinha até descido as escadas e estava com mais duas raparigas, que pareciam ter mais ou menos a nossa idade.

Desci, sentindo-me completamente envergonhada. Normalmente, não tenho nenhum problema em socializar, mas eu não sabia como seria recebida por aquelas raparigas. E se elas não gostassem que uma nova rapariga invadisse o território delas? E se elas embirrassem comigo logo à primeira vista? E se elas troçassem do meu sotaque? E se a minha prima ficasse a conversar com elas o tempo todo e nem se lembrasse mais da minha existência? Respirei fundo, empinei o nariz e fui ter com elas, como se eu não estivesse nem um pouco apavorada.

Assim que me aproximei, a Marina começou as apresentações: — Priscila, esta é a Clara, a minha melhor amiga!

Cumprimentei a rapariga com um beijinho. Ela era morena e estava com os cabelos presos num rabo de cavalo bem alto, e qual não foi a minha surpresa quando vi que ela ficou «pendurada» quando eu me afastei depois do beijo! A Marina começou a rir e explicou que em BH era costume cumprimentar-se as pessoas com dois ou até três beijinhos. Perguntei a razão, mas nem ela nem a Clara souberam responder. Começaram a dizer que era um costume antigo, da época das mães delas, que estava até um pouco em desuso, e então a outra rapariga, que era loura e bem baixinha, entrou na conversa e comentou: — É que as mineiras são espertas! — disse, a sorrir. — Porque é que íamos dar apenas um beijinho a um rapaz giraço quando podemos dar *três*?

E ao dizer isto cumprimentou-me com os tais três beijos e disse: — Olá, eu sou a Natália. Sou vizinha da Clara e nós as três estudamos no mesmo colégio, embora eu ande um ano atrás delas, porque sou um ano mais nova.

Mentalmente, calculei que, se ela era do mesmo colégio da Marina, onde eu também ia estudar, e tinha um ano a menos, provavelmente eu ia ser da turma dela! Seria muito bom se no primeiro dia de aulas eu já conhecesse alguém da minha turma. Porém, antes de eu poder falar no assunto, a Marina perguntou onde é que elas estavam sentadas e se os rapazes já tinham chegado.

Enquanto caminhávamos por um longo relvado, percebi que de pequenos postes com colunas de som, que se localizavam em vários locais do clube, saía música muito animada. Comecei a tomar atenção à conversa da minha prima com as amigas, e, pelo que pude perceber, elas iam ali todos os fins de semana para verem uns rapazes que jogavam futebol. Então, além de ser um sítio para nos bronzearmos, o clube era também o ponto para encontros amorosos. A minha mãe tinha de arranjar maneira de se tornar sócia daquele clube...

Sentámo-nos numas espreguiçadeiras em frente de uma grande piscina. Notei que todas elas se estenderam ao sol sem sequer se preocuparem em pôr protetor solar. Fiquei um pouco atrapalhada, mas só eu sabia o que ia acontecer à minha cara se eu não a besuntasse completamente com *Sundown*. Comecei a espalhar o creme e percebi que a Clara estava a olhar para mim. Eu sabia que não lhe devia satisfações, mas mesmo assim senti necessidade de explicar: — É que... se eu não ponho protetor, as minhas sardas aumentam muito.

Ela sorriu, concordou com a cabeça, disse que eu tinha razão e que ela também ia pôr um pouco. Em seguida, olhou para os meus cabelos, que eu já tinha enfiado debaixo de um boné, e virou-se para minha prima dizendo: — Ó, Marina... não me tinhas dito que a tua prima era ruiva! Pensei que ela fosse morena como tu.

Antes de a Marina conseguir responder, eu disse, mais alto do que desejava: — Eu não sou ruiva!

A minha prima começou a explicar que eu não gostava que dissessem que eu era ruiva, mas a Natália, que estava superentre-tida a ler uma revista, entrou na conversa, dizendo que eu não era mesmo ruiva, porque o meu cabelo não era vermelho, mas sim castanho, ligeiramente a puxar para o bronze.

— É natural? — perguntou, desviando o olhar da revista para mim. — Porque eu nunca vi um tom tão bonito...

Simpatizei imediatamente com ela... Apenas concordei com a cabeça e ela disse que era uma pena, porque, se fosse pintado, certamente que ia pintar os seus próprios cabelos da mesma cor, para se livrar daquele «louro deslavado». Em seguida, ela concentrou-se novamente na revista e eu fiquei a observá-la. Eu dava tudo para ter aquele seu cabelo «deslavado» ... Ele era tão louro, tão liso e tão comprido! Aliás, a Natália parecia ter saído de um quadro. Era magrinha, tinha o nariz arrebitado... e olhei para as unhas dela e vi que estavam muito bem arrançadas, sem uma cutícula fora do lugar. E o sorriso também era perfeito. Lembrei-me do aparelho para os dentes que eu ainda ia ter de usar durante bastante tempo e suspirei imediatamente. Meu Deus! E que tal distribuir melhor a beleza pelo mundo?

Depois do que me pareceram horas (mas que ao olhar para o relógio eu percebi que tinham sido apenas trinta e cinco minutos) debaixo daquele sol escaldante, a Clara perguntou se queríamos ir nadar. Concordei logo, desde o primeiro instante em que tinha entrado naquele clube que estava com vontade de mergulhar para dentro da piscina, mas a Natália e a Marina disseram que primeiro queriam «ficar mais quentinhas». O quê? Eu estava quase a derreter e elas queriam ficar mais quentinhas?

Resolvi não argumentar e segui a Clara, que parou várias vezes no caminho para a piscina para cumprimentar (sempre com aqueles três beijinhos) várias pessoas. Ela apresentou-me a todas elas, dizendo que eu era prima da Marina, ao que imediatamente eu acrescentava: — O meu nome é Priscila. — Foram todas muito simpáticas comigo, mas perguntavam-me logo sobre a Marina. Aos poucos, fui percebendo que a minha prima era muito querida e popular. Não só ela mas também a Clara e eu imaginava que a Natália também devia ser.

Comecei a ser atacada por um sentimento estranho, de nostalgia, misturado com ansiedade. Em São Paulo eu vivia no meu pequeno mundo, todos os meus amigos moravam no mesmo condomínio que eu e estudavam na minha escola, que ficava

perto de casa. Eu era feliz com eles, com a minha família, com os meus animais de estimação... E agora este outro mundo, cheio de pessoas novas, abria-se para mim.

Saí dos meus devaneios quando a Clara me apertou a mão e disse: — Priscila, não olhes para a direita agora, não olhes!

Eu fiquei louca para olhar, mas consegui conter-me. Perguntei o motivo e ela respondeu que já me explicava. Passámos pelo local *tenso*, chegámos à piscina e só quando nos sentámos à beira da piscina é que ela me disse, quase sussurrando: — Agora podes olhar, disfarçadamente. Atrás de mim, de calções de banho vermelhos e cabelo molhado, está o Pedro...

Eu olhei para o tal Pedro, que estava em pé, perto da piscina, a conversar com uns quatro rapazes. Ele era bem bonito, parecia ser um pouco mais velho e tinha um ar convencido.

Tornei a olhar para a Clara, que me fitava com um olhar interrogativo. Percebi que ela estava à espera que eu dissesse alguma coisa e então eu disse que ele era bonitinho.

— Bonitinho?! — exclamou ela, ainda sussurrando mas completamente indignada. — Ele é um deus!

Olhei novamente, para ver se à segunda olhadela lhe encontrava algo de divino, mas o meu olhar foi atraído para o rapaz que estava ao lado, a rir muito, provavelmente com alguma história que o Pedro estava a contar. Sem me aperceber, fiquei fixada no rapaz, que deve ter sentido que estava a ser observado, pois de repente olhou na minha direção. Baixei o olhar no mesmo instante, sentindo um sobressalto no coração.

— Quem é aquele de calções pretos? — perguntei à Clara, tentando disfarçar a minha atrapalhação. Levantei o olhar e vi que ele ainda me estava a observar, com uma expressão meio curiosa. Desviei os olhos novamente, sentindo ainda mais calor do que antes.

A Clara olhou disfarçadamente para trás, como se estivesse a procurar alguém perto do lugar onde os rapazes estavam e depois voltou-se para mim a sorrir. — Ah, tens bom gosto, hein? Aquele é o Marcelo. Tem dezoito anos e é o guitarrista da Guarda Moderna!

— Guarda Moderna? — perguntei sem perceber. — Olha, acho que vou dar um mergulho na piscina, estou com tanto calor que até me sinto um pouco tonta...

Saltámos juntas para dentro de água, e assim que emergiu do mergulho ela explicou-me que o Marcelo integrava uma banda que fazia *covers* de músicas muito antigas, de um estilo chamado «jovem guarda», e as tocava a um ritmo mais *rock'n'roll*. Senti-me um pouco inundada com tantas informações. Banda? *Covers*? Jovem guarda? *Rock'n'roll*?

A Clara, sem perceber a minha confusão, continuou: — A Marina não te falou da festa de hoje à noite? É a banda dele que vai tocar!

Com algum esforço, lembrei-me de que na noite anterior a Marina tinha mesmo falado numa festa. Lembrei-me também que, no momento em que ela a referiu, eu não tive a menor intenção de ir. Até já tinha planeado inventar uma desculpa qualquer para ficar em casa. Porém agora...

— A festa chama-se «Verão Mix» — a Clara continuou com a explicação. — Acontece todos os anos, em janeiro, e decorre aqui mesmo no clube. Estamos muito entusiasmadas porque é o primeiro ano que as nossas mães nos deixam vir! A tua mãe também te deve deixar vir, não é? Que idade tens?

Eu respondi que tinha treze, que tinha feito anos na véspera. Ela deu-me os parabéns, disse que eu era muito alta para a idade, que pensava que eu já tinha uns quinze anos e tornou a perguntar se então a minha mãe me ia deixar vir, explicando que a mãe dela só autorizara porque ela já ia fazer catorze anos em fevereiro.

Olhei de novo para o Marcelo, vi que ele estava a tocar um instrumento imaginário (que eu imaginei ser uma guitarra, pelo que a Clara tinha dito), enquanto um outro rapaz cantava uma canção. Ele estava a sorrir e o cabelo, que era castanho bem escuro, estava meio molhado. Ele voltou a olhar na minha direção e, ao perceber que eu estava a olhar, fez um sorrisinho. O meu coração disparou mais uma vez e desviei rapidamente a cara, mas, sem conseguir resistir, voltei logo a olhar. Vi que ele estava outra vez a tocar na sua guitarra invisível.

Sem tirar os olhos dele, respondi à Clara: — Ah, a minha mãe deixa-me, sim... está a fazer tudo para eu gostar desta cidade...

— E estás a gostar? — perguntou, virando-se para trás para ver o que é que eu estava a admirar com tanto interesse. Ao notar que ainda era o Marcelo, ela sorriu.

Com muito custo, desviei o olhar, retribuí o sorriso da Clara com um sorriso cúmplice e respondi: — Acho que estou. Na verdade, acho que estou a gostar *muito*...

Ela piscou-me o olho e voltámos a mergulhar.



Bruna, ias adorar o sítio onde eu estou neste momento. É um clube cheio de rapazes lindos! OK, não é a Riviera, mas mesmo assim não é nada mau! Por falar nisso, aproveita a praia por mim, aqui só há piscinas! Quando é que voltas para SP? Se encontrares o Gabriel por aí, diz-lhe que eu lhe mando um superbeijo!!!! Tenho saudades dele! E mais ainda de ti, minha melhor amiga! Beijos! Pri

Piper: Está tudo bem?

Paige: Melhor do que isso. Eu vou ter uma vida amorosa.

(Charmed - As Feiticeiras)

— A mãe tem de me emprestar a sua maquilhagem! — declarei assim que cheguei a casa, às seis da tarde.

O *Biscoito* foi receber-me alegremente e enquanto o abraçava reparei que a minha mãe franziu ligeiramente as sobrancelhas. Em seguida, fingiu que não tinha ouvido o que eu dissera e perguntou-me se eu tinha gostado do clube.

Sorri-lhe, contei que já tinha feito duas amigas e que tínhamos combinado voltar a ir lá, não só no dia seguinte mas durante a próxima semana inteira, porque as minhas novas amigas tinham dito que, nas férias, elas (e *todos* os outros sócios da nossa idade) marcavam presença no clube todos os dias. Expliquei ainda que a Marina tinha conseguido um convite para eu o poder frequentar durante um mês.

A minha mãe abraçou-me, parecendo ainda mais feliz do que eu, e prometeu que nos íamos tornar sócias dentro de pouco tempo. Disse que sabia que eu me ia integrar facilmente porque era muito simpática e sociável. Em seguida, suspirou e ficou quase parada, a olhar para o vazio.

— O que se passa, mãe? — perguntei, afastando-me do abraço para a fitar.

Ela sorriu imediatamente e disse que não era nada, que gostava de ter a mesma facilidade de adaptação que eu. Olhei para o lado e reparei que ainda havia muitas caixas espalhadas pela sala e perguntei mais uma vez se ela queria que eu a ajudasse. Ela respondeu que não, porque naquele momento a arrumação do apartamento era a única coisa que tinha com que se ocupar, e que, se não fosse isso, ela já teria dado em louca com os seus próprios pensamentos.

Fiquei triste, ao lembrar-me do motivo por que ali estávamos. No clube, eu tinha conseguido distrair-me completamente, entretive-me com tudo o que as minhas amigas me contaram sobre as festas, a escola, os rapazes... Porém, agora eu estava de volta ao mundo real. Aquilo não era apenas uma viagem de férias. No início de fevereiro, eu não ia voltar para a minha casa. A minha vida agora era ali.

A minha mãe, ao perceber a mudança na minha expressão, levantou-se depressa e puxou-me pela mão até à porta do meu quarto. Antes de entrar, pediu-me para fechar os olhos e só quando eu estava lá dentro é que me disse para voltar a abri-los.

Olhei em volta, para ver o motivo do *suspense*. À primeira vista, estava tudo igual, apenas mais arrumado. Percebi que as caixas que de manhã estavam lá tinham desaparecido, abri o armário e vi que as minhas roupas já estavam todas penduradas. Senti-me um pouco culpada por ter passado o dia inteiro a divertir-me enquanto a minha mãe trabalhava, e quando comecei a agradecer-lhe por ter organizado as minhas coisas, ela interrompeu-me: — Filha, olha com atenção... A surpresa não tem nada que ver com isto! Ontem à noite estavas tão chateada que eu achei que não era o melhor momento para te dar o teu presente de anos...

Virei-me depressa para o outro lado. Vi que a televisão e o DVD continuavam no mesmo lugar e a caixa da série que a Marina me tinha dado permanecia em cima. Olhei para a secretária e fui apanhada de surpresa! Ali estava a coisa mais linda que eu já alguma vez vira... um *notebook* vermelhinho, como o que eu tinha «namorado» tantas vezes no *shopping*! Olhei boquiaberta para a minha mãe, que estava com um enorme sorriso no rosto.

— Mãe! — consegui dizer, dirigindo-me à secretária. — É o computador que eu queria! Aquele mesmo que a mãe e o pai disseram que não me davam porque era muito caro!

Vi que o sorriso dela se tornou um pouco mais triste ao ouvir falar do meu pai. Dela e do meu pai. Dos dois juntos...

— Acontece que o nosso computador antigo ficou lá em casa, quer dizer, na casa do teu pai, para o teu irmão. E tu ias precisar aqui de um, tanto para fazeres os trabalhos escolares

como para comunicares com as tuas amigas de São Paulo. Por isso, nós resolvemos que, já que tínhamos de comprar um novo, era justo deixarmos-te escolher. E eu nem tive de te perguntar, afinal imploraste este tantas vezes...

Então ele era realmente meu! Sentei-me rapidamente à frente do *notebook* e liguei-o. Enquanto esperava que o Windows arrancasse, passei a mão pela superfície. Era tão lindo! Olhei para o lado e vi que a minha mãe me estava a observar, visivelmente satisfeita por eu ter gostado tanto. Levantei-me e dei-lhe um enorme abraço! Realmente ela estava a esforçar-se muito para amenizar a minha tristeza por ter mudado de cidade, e, naquele momento, resolvi que ia fazer tudo para ela também ficar feliz.

Ficámos um tempo abraçadas, e depois ela disse: — Sei que vais querer ler todos os *e-mails* das tuas amigas e passar horas no *chat*, mas antes dá para me explicares que história de maquilhagem era aquela? Porque eu não quero que tu percas a oportunidade, se houver alguma festa...

Apertei-lhe as mãos e comecei aos pulinhos, lembrando-me do que a Marina me tinha dito quando a minha tia me deixou em casa. O pai dela ia levar-nos à festa, mas eu tinha de estar pronta às oito e meia *em ponto*, porque ela queria aproveitar o máximo possível, já que o pai da Clara nos ia buscar à meia-noite.

A minha mãe pediu-me para lhe explicar o motivo de todo aquele entusiasmo e eu comecei a esclarecer: — Ai, mãe... há um rapaz fofo... chama-se Marcelo, tem dezoito anos... e toca guitarra! E as minhas amigas disseram que a banda dele vai tocar numa festa hoje à noite! Eu tenho de ficar linda para ele olhar para mim!

A minha mãe disse que eu já era maravilhosa naturalmente, mas quis saber tudinho quem era esse Marcelo. Ela estava habituada a ver-me ficar encantada por vários rapazes em São Paulo, mas eles eram geralmente da minha idade. E claro que nenhum deles tinha uma *banda*!

Ela ligou logo à minha tia, para saber detalhes da tal festa. Comecei a ficar preocupada. Eu morria, se a minha mãe não me deixasse ir! E não parei de repetir isso enquanto ela não desligou o telefone.

— Calma, Priscila — disse ela, tapando os ouvidos com as mãos. — Claro que vais. Mas eu tenho de saber como é que são as coisas aqui! Não vou largar a minha filha numa festa com gente mais velha, com uma banda a tocar... só tens doze anos!

— Treze! — gritei.

Ela suspirou, disse que a minha tia a tinha tranquilizado e explicado que a festa era no clube, só para pessoas mais ou menos da minha idade e que à meia-noite nós estaríamos de volta.

Suspirei de alívio. A minha mãe olhou para o relógio, viu que já eram quase sete da noite e disse que era melhor começar a «produzir-me» senão não tinha tempo.

— Os rapazes que tocam numa banda são muito pretendidos... — explicou. — É melhor ires mesmo bem bonita... deixa o computador para amanhã.

Por mais que eu estivesse louca de vontade de ficar horas a aprender a mexer no meu novo *laptop*, concordei com ela, que então acrescentou: — Vou preparar o alisador de cabelo e a maquilhagem. E a menina já para o banho!

Dei mais uns pulinhos e em seguida abracei-a. Antes de entrar na casa de banho, olhei mais uma vez para o meu quarto. Séries, amigas, conquistas amorosas, *notebook*... Quanta coisa acontecera em apenas três dias! Peguei na minha toalha e senti o coração a bater de felicidade, com a sensação boa de que eu tinha a vida inteira pela frente... e o melhor de tudo é que ela estava apenas a começar.



De: Priscila <pripriscilapri@aol.com>

Para: Luísa <luisa@netnetnet.com.br>

Enviada: 05 de janeiro, 09:20

Assunto: Olá do meu novo computador

Olá, Luísa!

Estou a escrever-te do meu novo computador! Lembras-te daquele *laptop* vermelho, o mais bonito

do mundo que vimos tantas vezes na Fnac? Pois agora ele é todo meu!!! Os meus pais quiseram compensar-me, por causa da mudança e tal... Bom, nem era preciso, porque na verdade eu até estou a gostar da cidade. Pelo menos por enquanto. As aulas ainda não começaram, mas eu já conheci algumas pessoas.

Adorei receber os teus *e-mails*, especialmente o de aniversário! Não respondi porque ainda não tínhamos Internet. Mas agora vou ficar *online* o tempo todo! Quer dizer, o tempo todo que eu estiver em casa, porque a minha prima (lembras-te da Marina, não lembras?) não me deixa ficar quieta. Ela tem-me ajudado bastante e apresentou-me às suas amigas. Bem que podias vir visitar-me rapidamente! O sítio onde estou a viver é muito diferente do nosso condomínio, muito mais movimentado, mas há vários *shoppings* aqui perto, nem vais sentir falta de São Paulo! Ah! Ah! Ah!!

Queria pedir-te um favor... Será que podes ir a minha casa ver se a *Duna* está bem? Eu não sei se o meu irmão a tem levado a passear e se ela não se exercitar vai ficar gordinha. Estou com muitas saudades dela... E, por falar em exercício, esta semana vou ver onde posso ter aulas de *jazz*, canto, ginástica olímpica e voleibol. Não penses que te vou deixar passar à minha frente! (Estou a brincar! Quer dizer, a parte de tu passares à minha frente, porque as aulas ainda vou ver.)

Lu, tenho de ir. Daqui a bocado vou ao clube com a minha prima. Depois falo-te do clube, tu ias adorar! É muito maior do que o do condomínio. Ontem até fui a uma festa que lá houve! Foi o máximo!!! Eu, a Marina e uma amiga dela (que agora também é minha amiga) dançámos muito! Havia uma banda a tocar, os elementos são lindos (especialmente o guitarrista!!), tu ias passar-te!!! Ah, fui com uma roupa da minha mãe, arrasei!

Mais tarde fico *online* para te explicar melhor! Conta-me todas as novidades, desde o dia em que vim embora!! Alguém (tipo o João Pedro) perguntou por mim? Manda-lhe um beijão! Vê se não deixas que ele me esqueça! O pessoal continua a encontrar-se todas as noites para tocar guitarra? Estou com muitas saudades dos nossos amigos do condomínio. Diz-lhes que eu mando beijinhos a todos.

Um beijo enorme para ti! Vê lá, não arranjes outra melhor amiga! Nem penses em trocar-me pela Larissa ou pela Bruna, OK?

Beijos!

Pri